

## Introdução

A presente publicação resulta de um protocolo que envolve o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), a Organização Ibero-americana de Juventude (OIJ) e o Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), tendo por objetivo a realização de um estudo sobre a juventude portuguesa, com base no *1.º Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas*.

Este inquérito pioneiro, realizado na base de uma amostra de um universo de cerca de 160 milhões de jovens ibero-americanos dos 15 aos 29 anos, implicou a realização de entrevistas a 18 935 jovens de vinte países ibero-americanos (apenas Cuba esteve ausente da amostra). Em Portugal foram entrevistados 814 jovens. O inquérito, coordenado pela Organização Ibero-americana de Juventude, com o patrocínio do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Banco de Desenvolvimento da América Latina, contou com o apoio de especialistas da Comissão Económica para a América Latina e o Caribe, do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas e da Universidade Nacional Autónoma do México. Uma apresentação dos resultados deste inquérito foi disponibilizada, em primeira mão, num informe da OIJ publicado em 2013: *El Futuro ya Llegó: 1.ª Encuesta Iberoamericana de Juventudes* (AAVV 2013). Este informe constitui um importante acesso aos principais resultados do inquérito realizado.

O trabalho de campo deste *1.º Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas* realizou-se no 1.º trimestre de 2013, a partir de uma amostra probabilística constituída pelos números de telefone residenciais (fixos) dos países envolvidos. Em cada país, a amostra foi estratificada por idades. A constituição da amostra, a realização das entrevistas telefónicas e a codificação dos dados foram da responsabilidade da empresa IPSOS e do seu *call center* sito no Panamá. Sobre a natureza da amostra impõem-se algumas considerações metodológicas que deverão ser levadas em linha de conta na interpretação dos resultados. Nas entrevistas telefónicas, ao contrário do que acontece nas entrevistas presenciais, há uma menor probabilidade de se apanharem pessoas de *status* baixo. Esta poderá ser uma explicação para que, no inquérito realizado, tenhamos uma sobrerrepresentação de jovens de elevadas qualificações académicas (muitos deles universitários) e residentes em *habitat* urbano. Apesar das limitações já conhecidas

de cobertura e representatividade estatística das amostras telefónicas, sobretudo quando aplicadas à população jovem, elas asseguram, por outro lado, uma mais rápida obtenção de dados, a custos significativamente inferiores. Esta relação de custos-benefícios terá certamente pesado na opção por uma amostra telefónica, dada a magnitude da mesma.

Passando agora ao instrumento de estudo, o inquérito. Baseou-se em dois questionários, com alguns módulos comuns e outros diferenciados (v. anexos). Um dos questionários acolheu questões sobre os seguintes temas: valores atitudinais; representações da juventude ibero-americana; confiança nas instituições; mercado de trabalho; consumo de drogas; participação. O outro questionário contemplava os seguintes temas: diferenças geracionais; sexualidade; situações de violência. Havia também um módulo sobre a integração ibero-americana mas que não se aplicou em Portugal e Espanha. Os temas comuns aos dois questionários incidiram sobre: educação; novas tecnologias; diagnóstico do presente e perceção do futuro. Ambos os questionários compartilharam perguntas de caracterização sociográfica indispensáveis, envolvendo a idade dos inquiridos, o sexo (género), o *habitat* de residência (rural ou urbano), a rede familiar ou relacional no espaço doméstico (com quem se vive), a ocupação perante o trabalho e uma avaliação, por parte dos próprios inquiridos, da condição socioeconómica familiar. Esta última variável foi constituída a partir de uma avaliação subjetiva das condições de vida familiar: em casa não falta nada ou quase nada; vive-se bem mas cuidando do orçamento; o dinheiro vai dando mas com privações; o dinheiro apenas chega para sobreviver. A vantagem na utilização dos dois questionários foi a de permitir a realização de entrevistas com duração mais reduzida; a desvantagem foi a de impedir análises multivariadas, envolvendo a inter-relação entre indicadores de ambos os questionários.

Na elaboração do presente estudo, o principal objetivo foi o de analisar as atitudes, os valores e as expectativas dos jovens portugueses no contexto da Ibero-América. Ou seja, embora nos tenhamos centrado nos jovens portugueses, houve sempre a preocupação de os confrontar com jovens de outras latitudes socioculturais e geográficas do espaço ibero-americano. Foi assim aliciante o desafio de investigar através de um instrumento de inquirição «culturalmente independente» (em teoria) perfis e condições juvenis que não deixam de ser culturalmente dependentes. Os próprios efeitos de conjuntura, no período em que o inquérito foi aplicado, não deixaram de interferir nas respostas que os jovens deram, o mesmo se podendo dizer dos enquadramentos socio-históricos dos diferentes países ibero-americanos. Assim, e para dar um exemplo, a situação de crise económica vivida em Portugal pesou, como veremos, em muitas das atitudes dos jovens portugueses, desde logo nas perceções do presente e nas expectativas do futuro.

O que os resultados de qualquer inquérito nos proporcionam é uma aproximação à realidade. Tenha-se em conta que dependendo dos indicadores selecionados, das variáveis que os sustentam, dos processos de categorização dessas variáveis e dos procedimentos estatísticos e analíticos usados na interpretação dos dados, estamos definindo distintas realidades juvenis. Os resultados de qualquer inquérito dependem também da estrutura do questionário, da formulação das perguntas e dos filtros que as sequenciam. No inquérito realizado surgiram alguns problemas pontuais que serão reportados ao longo do estudo, mas que, todavia, não colocam em causa a qualidade das análises realizadas. Deste modo, foi com entusiasmo que acedemos ao desafio de refletir nos dados deste pioneiro e importante inquérito aos jovens ibero-americanos. Apesar do curto espaço de tempo acordado para a realização do estudo (apenas cinco meses), não posso deixar de manifestar toda a minha gratidão aos colegas que participaram na equipa de investigação: Ana Delicado, Ana Nunes de Almeida, Andrés Malamud, Cícero Roberto Pereira, Cláudia Casimiro, Jussara Rowland, Marcelo Camerlò, Pedro Alcântara da Silva, Pedro Moura Ferreira, Simone Tulumello, Sofia Aboim e Vítor Sérgio Ferreira. Muitos deles, mesmo estando envolvidos noutros projetos de pesquisa e compromissos institucionais, não deixaram de corresponder ao desafio que lhes lancei. Pedro Alcântara, embora neste livro não assinasse qualquer capítulo, deu uma preciosa colaboração ao projeto na sua fase de arranque. Por outro lado, de Cícero Roberto Pereira recebi um importante apoio na edição deste livro. A equipa viria ainda a ser reforçada com um jovem colaborador, Sérgio Moreira, graças a um subsídio concedido pela Organização Ibero-americana de Juventude. Todos os restantes membros da equipa deram o seu contributo a este projeto sem qualquer contrapartida financeira. Para além de ter redigido um dos capítulos deste livro, Sérgio Moreira deu um valioso apoio estatístico a boa parte da equipa: procedendo à análise descritiva das variáveis de caracterização da amostra; recategorizando e recodificando algumas dessas variáveis em função das análises descritivas; confirmando a validade do ponderador utilizado para a dimensão da amostra; apresentando quadros com resultados em valores absolutos e percentagens; propondo modelos de gráficos e de tabelas para apresentação de resultados. Para o efeito, foi criado um *site* do projeto, servindo de plataforma de comunicação entre todos os membros da equipa.

Avançando agora para uma breve apresentação da estrutura e do conteúdo do livro, os seus oito capítulos distribuem-se por três agregados. Numa primeira parte (valores, atitudes e perceções) são abordados valores e atitudes dos jovens perante temas socialmente sensíveis, dando-se também relevância às perceções de violência social. Haverá ainda lugar para debater o posicionamento dos jovens em relação à sexualidade e ao uso dos métodos contraceptivos. Numa se-

gunda parte (participação e confiança nas instituições democráticas) cotejaremos o envolvimento dos jovens em algumas formas de participação cívica e as suas atitudes perante a democracia, bem como a confiança ou desconfiança reveladas nas instituições democráticas. Finalmente, na terceira parte (educação, trabalho e futuro) aferem-se situações e representações no campo da educação, questionam-se inserções profissionais, avalia-se o uso que os jovens fazem das novas tecnologias e, finalmente, confrontam-se as suas atitudes em relação ao presente e as expectativas perante o futuro. Para além dos esforços interpretativos que acompanham a apresentação dos resultados do inquérito, há sempre a preocupação de contrastar a situação dos jovens portugueses com a dos jovens de outras latitudes do espaço ibero-americano, principalmente com os jovens da Espanha (pela sua proximidade geográfica) e os do Brasil (pela sua proximidade cultural). Os dados do inquérito que aparecem profusamente representados nos quadros, gráficos e mapas deste estudo são como fotografias da condição juvenil portuguesa – fotografias que fazem parte de um álbum de família onde também se representam os nossos irmãos ibero-americanos.

Embora aqui e além desejássemos poder analisar indicadores que não aparecem contemplados no presente inquérito, os dados reunidos são valiosos, incitando-nos à reflexão. Sem ter a pretensão de, nesta breve apresentação, antecipar uma súmula das principais conclusões do inquérito, permitam-me adiantar alguns achados relevantes que emergem de cada um dos capítulos. Assim, no capítulo 1 (valores e atitudes perante temas socialmente sensíveis), desenvolvido por Cícero Roberto Pereira, vemos claramente como a situação de crise vivida em Portugal – lembre-se que a realização das entrevistas ocorreu no 1.º trimestre de 2013 – leva a que os jovens portugueses sejam dos que mais preocupações manifestam em relação aos problemas do emprego e da economia; em contrapartida, os jovens ibero-americanos do outro lado do Atlântico – mas também os espanhóis – revelam-se mais preocupados com os problemas da delinquência, da violência e das drogas. Cruzando indicadores do inquérito em análise com indicadores económicos do Banco Mundial (PIB *per capita* e taxa de crescimento do PIB entre 2008 e 2012) e indicadores culturais do *World Value Survey* e do *European Value Study*, Cícero Pereira sugere-nos que, quanto mais acentuado é o crescimento económico de um país, tanto mais a preocupação com o bem-estar social sobreleva a preocupação com os problemas económicos. Entre os jovens portugueses, justamente por efeito da depressão económica que o país tem vivido, os problemas de emprego e da economia estão no centro das suas preocupações, como atrás se referiu. Em relação às atitudes perante temas socialmente sensíveis, é de realçar que os jovens portugueses são, de longe, os mais favoráveis aos casamentos homossexuais, à prática do aborto em condições legais e à aceitação da legalização da marijuana. Em contrapartida,

são os que mais rejeitam a pena de morte e a prática de suborno. Quanto à imigração, ressalta o contraste entre os jovens ibéricos, com os portugueses a mostrarem-se mais recetivos ao reconhecimento dos direitos dos imigrantes.

No capítulo 2 (perceções de violência social), da autoria de Simone Tulumello e Cláudia Casimiro, constatamos que, apesar de os jovens portugueses serem os que pior avaliam a situação de violência no seu país, eles são também os que mais rejeitam a violência como o principal problema das suas vidas. Como atrás se referiu, os problemas que mais reconhecidamente afetam os jovens – problemas económicos e de emprego – acabam por relegar para segundo plano outros problemas que, embora reconhecidos, perdem relevância na hierarquia das suas preocupações. Como quer que seja, a violência não é um fenómeno ausente dos contextos da vida quotidiana dos jovens portugueses. Embora longe dos elevados valores de percepção da violência urbana por parte dos jovens brasileiros, as brigas com facas ou armas de fogo foram presenciadas por cerca de 30% dos jovens portugueses nos doze meses que antecederam a realização das entrevistas. Em contrapartida, a violência física em contexto familiar, com reconhecida visibilidade entre os jovens brasileiros (37%), é muito pouco perceptível entre os jovens portugueses (apenas por 2%). A violência física em contexto familiar é pelos jovens portugueses mais sinalizada em casais conhecidos ou amigos. E, mesmo assim, apenas 12% dão conta dessas ocorrências, percentagem suplantada noutros quadrantes geográficos da Ibero-América.

A violência percecionada pelos jovens acaba por se refletir na sua vida íntima. É isso mesmo que nos sugere Sofia Aboim no capítulo 3 (sexualidade e métodos contraceptivos). Com efeito, no caso dos países ibéricos, a violência percecionada em contextos de proximidade quotidiana, isto é, tanto no bairro de residência como em contexto familiar (sobretudo no caso dos jovens espanhóis), é um fenómeno que aparece associado a entradas precoces na vida sexual. Em contrapartida, quanto menor é a violência percecionada no bairro de residência, maior é a probabilidade de adiamento da iniciação sexual. A protelação da iniciação sexual também tende a ocorrer quando nas relações familiares há uma convergência de opiniões entre pais e filhos. Ou seja, iniciações sexuais precoces parecem estar associadas a clivagens ou enfrentamentos de opinião no seio da família em temas socialmente sensíveis (políticos, sexuais e religiosos). Será que as iniciações sexuais precoces entre os jovens corresponderão a uma tentativa de fuga a ambientes de conflito familiar e de violência urbana, ou, pelo contrário, serão uma decorrência destes ambientes? Como quer que seja, é precisamente no Brasil, onde a percepção da violência por parte dos jovens é mais expressiva, que encontramos um maior número de jovens com iniciação sexual precoce (cerca de 40% iniciam-se sexualmente até aos 15 anos), embora, neste caso, sejam os níveis de escolaridade que mais a determinam. Para a maioria

dos jovens ibero-americanos a iniciação sexual concentra-se num curto arco temporal do seu percurso de vida (entre os 16 e os 18 anos), sendo de registar uma maior proximidade entre comportamentos masculinos e femininos, ao contrário do que acontecia no passado. Finalmente, confrontando os jovens portugueses com os espanhóis, os brasileiros, os mexicanos ou os das Américas Central e do Sul, constata-se que é nos países de língua portuguesa que mais propensão existe à perda de virgindade. Com efeito, poucos virgens neste universo existem: menos de 4% entre os jovens brasileiros; pouco mais de 5% entre os jovens portugueses. Entre uns e outros os métodos contraceptivos encontram-se mais disseminados entre os jovens de outras regiões.

Na parte II, como se disse, reúnem-se reflexões sobre a participação juvenil e a confiança nas instituições democráticas. O capítulo 4, desenvolvido por Pedro Moura Ferreira, centra-se na participação social dos jovens. Considerando os jovens que atualmente participam em alguma organização social, os portugueses destacam-se como os mais participativos no contexto ibero-americano, com exceção dos que não possuem mais do que o ensino básico. Um em cada cinco dos jovens inquiridos participa em alguma organização social. Com exceção do Brasil, onde os jovens trabalhadores se envolvem significativamente mais do que os estudantes, a participação em associações atrai, de um modo geral, estudantes e trabalhadores. O dado sociologicamente mais relevante será, porventura, o da participação baixar significativamente para todos os jovens ibero-americanos que não trabalham nem estudam. Ou seja, jovens desempregados ou relegados para a domesticidade (trabalhos domésticos) participam muito menos. Donde se poder alvitar que, para alguns jovens, a exclusão da escola ou do mercado de trabalho tenderá a traduzir-se em exclusão social, pelo menos a nível da participação. De registar também a elevada participação dos jovens portugueses em associações de solidariedade (grupos de ajuda ou de assistência social). Cerca de 30% deles participam neste tipo de associações e em nenhum dos outros países ou regiões a percentagem deste tipo de participação ultrapassa os 10%, não atingindo sequer os 2% em Espanha. Em contrapartida, o associativismo religioso tem muito menos relevância na Península Ibérica do que nas demais regiões ibero-americanas. Finalmente, os jovens portugueses são os que, a larga distância, mais participam em grupos ecológicos, traço de vincado cunho pós-materialista que emerge noutros dados do inquérito realizado.

Andrés Malamud e Marcelo Camerlo avaliam, no capítulo 5 (os jovens frente à democracia e às suas instituições), as perceções dos jovens em relação ao governo, aos políticos, à justiça, à polícia, aos *media*, à universidade, às organizações religiosas, enfim, à democracia. Em termos médios, os jovens portugueses, como os brasileiros, não pendem para situações extremas (de muita confiança ou desconfiança) em relação à democracia. No entanto, os autores assinalam

que, neste caso, os valores médios encobrem uma significativa dispersão de atitudes, estatisticamente denunciada pelos desvios-padrão. Ou seja, em alguns segmentos da população juvenil portuguesa há manifestações de acentuada confiança ou desconfiança em relação à democracia. Quanto às demais instituições, a confiança dos jovens portugueses converge sobretudo para a polícia e as universidades, enquanto a desconfiança se concentra nos políticos, no governo e na justiça. Aliás, no espaço ibero-americano os jovens portugueses são os mais desconfiados em relação a estas últimas instituições. Cotejando as variáveis que mais influenciam a confiança ou a desconfiança na democracia, os autores constataam que a situação socioeconómica familiar é a variável que mais influencia as atitudes dos jovens ibero-americanos em relação à democracia. Quanto mais depauperada é a situação económica dos jovens inquiridos, mais se debilita a sua confiança na democracia e nas demais instituições avaliadas, sejam elas estatais ou não. Os jovens portugueses seguem esta tendência. Aliás, reforçam-na ainda mais. Neste sentido, concluem os autores, o pessimismo dos jovens portugueses em relação à democracia e às instituições democráticas não deixa de ser um produto da crise económica.

Os últimos capítulos deste estudo integram a parte III, sobre educação, trabalho e futuro. Vítor Sérgio Ferreira e Jussara Rowland desenvolveram o capítulo 6 (educação e inserções profissionais). Uma vez mais, a situação socioeconómica familiar aparece como uma variável francamente discriminatória. Com efeito, os autores mostram que entre os jovens portugueses, quanto mais baixo é o nível de vida, indiciado pelo reconhecimento subjetivo das dificuldades económicas, mais negativas são as atitudes em relação à escola. Aliás, quando o dinheiro apenas dá para sobreviver, poucos são os jovens portugueses que permanecem no sistema de ensino (cerca de 30%, contra cerca de 70% que o abandonam). Por outro lado, entre os que abandonaram a escola sem terem completado o ensino secundário, a maior parte deles (63%) invocou como principal razão de abandono a necessidade de trabalhar para amparar a família. Muito poucos (apenas 3%) invocaram dificuldades de aprendizagem, razão bem mais referenciada pelos jovens espanhóis (10%). Dado significativo é também o da perceção da violência escolar por parte dos jovens portugueses. À escala ibero-americana, eles são os que mais reconhecem que o ambiente escolar é violento: um em cada quatro dos jovens portugueses tem essa perceção. O que não invalida que sejam também os que mais reconhecem ter tido uma boa educação secundária. No que se refere às inserções no mercado de trabalho, os jovens portugueses são dos que, não tendo trabalho remunerado, mais o procuram. Estão nesta situação 60% dos jovens portugueses. Destes, 56% são desempregados e 42% estudantes. Ou seja, entre os jovens portugueses, a percentagem dos nem-nem, isto é, dos que nem trabalham nem estudam, é de 4%.

Também na busca de emprego se reflete a situação de crise. Com efeito, os autores deste capítulo mostram que entre os jovens que não têm trabalho, quanto mais dificuldades económicas existem no agregado familiar, mais se propende à busca de trabalho. Quanto aos fatores que favorecem ou não a obtenção de um trabalho, os jovens ibero-americanos valorizam em primeiro lugar a educação (51%), depois os contactos pessoais (31%) e, finalmente, as oportunidades de emprego (18%). Em contrapartida, os jovens portugueses são os que mais valorizam as oportunidades de emprego (34%), perceção sobretudo sentida por jovens que vivem em situação socioeconómica mais precária (mais de 50%). A educação é apenas valorizada por 37% dos jovens portugueses e 30% dos espanhóis – dados que indiciam a desconfiança de alguns jovens ibéricos em relação ao peso determinante que a educação ou a certificação escolar possam ter na busca de emprego.

O capítulo 7 (uso de novas tecnologias) esteve a cargo de Ana Nunes de Almeida e Ana Delicado. Para começar, ficámos a saber que os jovens portugueses, no conjunto dos jovens ibero-americanos, são os que mais se encontram conectados à internet. Nem um sequer respondeu não ter acesso à internet. Em contrapartida, 4% dos jovens espanhóis e 7% dos brasileiros não têm acesso à internet, percentagem que se eleva nos restantes países da América do Sul (8%), na América Central (11%) e no México (12%). Uma vez que para 70% dos jovens portugueses as principais vias de acesso à internet são o computador portátil e outros dispositivos móveis, o que se conclui é que para uma boa parte deles o acesso à internet não é necessariamente prejudicado pela sua mobilidade quotidiana. E quais os principais usos da internet? Entre os jovens portugueses, o uso mais frequente é para a consulta e envio de *e-mails* e, logo a seguir, para aceder às redes sociais, para acompanhar notícias ou novidades e para ouvir ou descarregar músicas. Quando se analisam os contrastes regionais dos usos da internet, o que ressalta é que, enquanto os jovens ibéricos se destacam pela mais frequente consulta e envio de *e-mails*, os jovens da América Latina, de um modo geral, estão mais envolvidos nas redes sociais. Dado interessante, quando se confrontam os usos diferenciados da internet pelo género dos jovens portugueses, é o de as raparigas fazerem uso mais frequente da consulta e envio de *e-mails*, para além de estarem mais envolvidas nas redes sociais, enquanto os rapazes ganham primazia na leitura de notícias e nos jogos eletrónicos. Ou seja, as raparigas estão na vanguarda das novas formas de comunicação interativa que fazem uso das novas tecnologias. Quanto aos desempregados, embora a exclusão do mercado de trabalho possa desmotivar alguns deles de participarem nestas novas formas de comunicação, o que os dados sugerem é que a maioria deles se encontra tanto ou mais conectada do que os que se encontram inseridos no mercado de trabalho ou no sistema de ensino. Com efeito, eles são os que



mais usam a internet para receber ou enviar *e-mails* e são também os que mais a usam para descarregar revistas e livros ou para os ler. Embora não acedam tanto às redes sociais quanto os estudantes, a elas recorrem mais do que os trabalhadores. Ou seja, para os jovens portugueses é provável que a internet promova socializações compensatórias para quem, como os desempregados, se encontra socialmente excluído do mercado de trabalho ou do sistema de ensino, para além de poder constituir, obviamente, uma importante plataforma de busca de trabalho. Enfim, a temática deste capítulo é uma das que no futuro merecem mais aprofundamento. Como as autoras sublinham, não temos indicadores de participação social ou de atividades pró-ativas, como a criação de *blogs* ou a produção de conteúdos para a internet (*sites*, filmes e bandas sonoras), que mobilizam cada vez mais os jovens. Também não temos indicadores sobre as consequências, positivas ou negativas, do forte vínculo dos jovens e das crianças à internet, ainda que na literatura especializada as preocupações abundem, como a da síndrome do défice da atenção e outros problemas mentais (Carr 2010).

Finalmente, no capítulo 8 (diagnóstico do presente e expectativas sobre o futuro), da autoria de Sérgio Moreira, teremos ensejo de confrontar as perceções e as expectativas dos jovens em relação ao presente e ao futuro do seu país. Antecipando alguns resultados, as dimensões do presente mais negativamente avaliadas pelos jovens portugueses referem-se às desigualdades no país, à corrupção, ao emprego estável, à pobreza e à violência. Quando questionados sobre o futuro do país daqui a cinco anos, eles não prognosticam uma melhoria significativa em nenhuma destas dimensões. Por outro lado, entre as dimensões de vida atualmente mais valorizadas pelos jovens portugueses encontra-se a vida em geral, mas também a saúde, a qualidade de vida, a educação e a participação da juventude. Olhando o futuro, os jovens portugueses anteveem melhorias na vida em geral, na qualidade de vida e na participação da juventude. No entanto, todas estas dimensões de vida – mais positiva ou negativamente apreendidas pelos jovens portugueses, quer no presente, quer no futuro – são mais positivamente avaliadas pela média dos jovens ibero-americanos. Com estes confrontados, os resultados do inquérito sinalizam uma avaliação claramente negativa dos jovens portugueses em relação à realidade vivida no presente. Em relação ao futuro, embora alimentem expectativas de mudança para melhor em algumas facetas de vida (na vida em geral, na qualidade de vida e na participação da juventude), essas expectativas continuam aquém do futuro imaginado pela média dos jovens ibero-americanos. Pode então sustentar-se que, no caso dos jovens portugueses, tanto as perceções do presente quanto as expectativas de futuro se encontram fortemente condicionadas pela situação de crise económica vivida no país. No entanto, as expectativas positivas em relação ao futuro superam as

avaliações negativas do presente. O pessimismo dos jovens portugueses em relação ao futuro apenas persiste em áreas como a educação, a violência, a corrupção e a saúde. Neste último caso há mesmo a crença de que a situação vai piorar. Em todos os outros itens as expectativas são mais otimistas. A este propósito, Sérgio Moreira convida-nos a refletir numa hipótese que faz sentido: quando os jovens portugueses pensam que no futuro vão estar melhor do que no presente sentem-se globalmente melhor. Talvez por esta razão, quando chamados a avaliarem o presente, as perceções mais positivamente avaliadas repousem em indicadores como a vida em geral, a saúde e a qualidade de vida. Esta crença funcionará como uma âncora de segurança ontológica, de bem-estar e saúde mental. As expectativas do futuro alimentam as perceções do presente, e vice-versa. Aliás, nas análises prospetivas (Inayatullah 2004), o futuro joga-se no dia a dia, no presente, numa quotidianidade problemática (desigualdades sociais, desemprego, corrupção, pobreza, violência). Esse presente não é alheio a causas sociais e económicas que atuam como uma negação do futuro e que se refletem na reprodutibilidade do presente. As representações do futuro – como visões do mundo de pendor cognitivo, ideológico ou mitológico –, se conseguem gerar esperança, podem então serenar as perceções do presente em gerações de futuro sombrio (Pais 2012). Para os jovens o futuro é uma realidade por concretizar, mas sempre aberto às possibilidades de o imaginar.

Feita esta breve apresentação, resta-me afirmar que a presente publicação não teria sido possível sem a convergência de importantes apoios institucionais. Em primeiro lugar, agradeço ao secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Dr. João Paulo Rebelo, o interesse e empenhamento na publicação deste estudo. Agradeço também à Organização Ibero-Americana de Juventude (OIJ), nas pessoas do seu atual secretário-geral, D. Max Trejo Cervantes, do seu predecessor, D. Alejo Ramirez, e também de Paul Giovanni Rodriguez, todas as manifestações de apoio a este projeto, garantindo à equipa de investigação o acesso às bases de dados resultantes do 1.º *Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas*. Não esqueço ainda o impulso inicialmente dado a este projeto por parte do Dr. Ricardo Araújo, ex-vogal do conselho diretivo do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ). Agradeço também ao diretor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Prof. Doutor José Luís Cardoso, o acolhimento dado ao protocolo, que possibilitou a realização deste projeto. Finalmente, renovo o meu sentimento de gratidão a toda a equipa de investigação que participou neste estudo.